

Relações espaciais na aquisição da linguagem: a questão da dêixis espacial

Francisco Eduardo Vieira da Silva*
Universidade Federal de Pernambuco

Resumo:

Neste artigo, nosso principal objetivo é analisar a dêixis espacial na aquisição da linguagem, refletindo sobre as relações espaciais estabelecidas entre díades mãe-bebês e os referentes construídos por essas díades em situações de interação. Opomo-nos à visão de fala materna como uma fala facilitativa (*input*), mostrando que o funcionamento da dêixis espacial na aquisição da linguagem se dá de forma tão complexa e diversificada quanto na “linguagem adulta”. Em paralelo a isso, distinguimos duas estratégias diferentes de a mãe referenciar espaços para o bebê.

Neste artigo, analisamos o funcionamento dos dêiticos espaciais na aquisição da linguagem. Partimos da hipótese de que, do ponto de vista cognitivo, a codificação das relações espaciais entre a mãe, o bebê e as entidades discursivas¹, através da dêixis espacial, se dá de maneira tão complexa e diversificada quanto na “fala adulta”. Nosso objetivo, portanto, é refletir sobre esse tipo de dêixis, com base em análises de situações de interação mãe-bebê, a fim de comprovarmos tal hipótese. Em paralelo a isso, tentamos sistematizar o fenômeno da dêixis espacial na aquisição da linguagem, apontando algumas especificidades de seu funcionamento.

Assim, efetuamos um estudo longitudinal, através de uma análise qualitativa e interpretativa de dados coletados em vídeo de duas díades mãe-bebês (bebês com idades entre 12 e 36 meses). Os registros em fitas VHS foram efetuados na casa das díades ou em locais onde os parceiros tinham por hábito interagirem. Trabalhamos com transcrições fonéticas (de acordo com o IPA – Alfabeto Fonético Internacional), prosódicas e gestuais.

Em trabalhos anteriores (Silva, Lira e Cavalcanti, 2001; Silva, 2002), já mostramos algumas particularidades do funcionamento da dêixis espacial na dialogia mãe-bebê. Observamos, por exemplo, que ela surge na fala materna ancorada em diferentes estratégias de funcionamento. Isso nos leva, aqui, a distinguir dois tipos diferentes de dêixis espacial, os quais serão apresentados na análise dos dados (item 2). Antes disso, é necessário estabelecermos a concepção de espaço que norteará as análises aqui desenvolvidas.

* Este artigo é uma versão revista e ampliada do trabalho *Aspectos da dêixis espacial na dialogia mãe-bebê*, apresentado em setembro de 2002, na XIX Jornada de Estudos Linguísticos do Nordeste, na cidade de Fortaleza/CE. Ele foi orientado pela Prof^a. Dr^a. Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante e desenvolvido através do sub-projeto *Referenciação e Dêixis na Aquisição da Linguagem II* (UFPE/CNPq/PIBIC, 2001, nº. 80010).

¹ Neste trabalho, os termos “entidade discursiva” e “objeto-de-discurso” são empregados como equivalentes. A questão referencial continua sendo vista enquanto “processo de referenciação” e os referentes construídos enquanto “objetos-de-discurso”, de acordo com Apothélos e Reichler-Béguelin (1995), Mondada e Dubois (1995) e Marcuschi (1998). Concebemos os referentes não como entidades de um mundo extra-mental, mas sim como *entidades do discurso*, construídas (e reconstruídas) durante a atividade discursiva.

1. ESPAÇO: UM SISTEMA DE RELAÇÕES ENTRE A DÍADE E ENTIDADES DISCURSIVAS

A noção de espaço neste trabalho é pautada na seguinte convicção: para nós, analisar os dêiticos espaciais e os objetos-de-discurso a que eles se referem implica observar as relações espaciais decorrentes do posicionamento dos interlocutores (a mãe e o bebê) e das entidades discursivas elaboradas durante a atividade dialógica. Dessa forma, semelhante a Blühdorn (1999: 37), concebemos o espaço como “um sistema infinitamente complexo de relações”, e tomamos como base para a análise da dêixis espacial na dialogia mãe-bebê a teoria das relações espaciais desenvolvida por Ehrich & Vater (1989 *apud* Blühdorn, 1999). Segundo Blühdorn (1999), esses autores adotam a teoria do modelo relacional triádico de Reichenbach (1947) para análise de relações temporais, ampliando-a para o trabalho com as relações espaciais.

Sendo assim, amparados por essa perspectiva teórica, ao analisarmos qualquer processo de referenciação que envolva espaço, levamos em conta, no mínimo, três entidades distintas, a saber: uma *entidade de apoio (EA)*², uma *entidade situada (ES)* e um *observador (O)*. Esse princípio teórico evita, dentre outras relações indevidas, confundirmos uma entidade discursiva com o local onde ela está situada. Por exemplo, em enunciados como “*Olha aqui a aranha na caixinha*”³, “a caixinha” não é o espaço no qual “a aranha” está localizada, ou seja, não é “o lugar da aranha”. Na verdade, “a caixinha” é uma entidade discursiva, introduzida na fala materna, que contribui no processo de referenciação do espaço “dentro da caixinha”. Ela (“a caixinha”) apenas estabelece uma relação espacial com o lugar (“dentro da caixinha”) em que “a aranha” está situada.

Dessa forma, na aquisição da linguagem, o espaço é referido através das relações entre a EA, a ES e o O. No exemplo aqui descrito, temos: (i) *a mãe* e *a caixinha* como EA; (ii) *a aranha* como ES; (iii) e novamente *a mãe* como O, já que ela é o falante do enunciado.

É justamente o uso do dêitico que faz com que a mãe faça parte também da EA: caso o espaço referido (“dentro da caixinha”) estivesse longe da mãe, ela não utilizaria o dêitico *aqui*, mas sim, dêiticos espaciais que codificassem espaços relativamente distantes do observador, como *ali*, *lá* etc.

2. ANÁLISE DOS DADOS

Na fala materna dirigida ao bebê, a característica basilar dos dêiticos espaciais diz respeito à função de codificar relações espaciais entre os interlocutores da atividade dialógica (a mãe e o bebê) e as entidades discursivas construídas por esses interlocutores nas situações de interação. Entretanto, outros aspectos funcionais estão envolvidos no uso que a mãe faz desses dêiticos. Vejamos a seguinte situação:

² Blühdorn (1999) – guiando-se por Reichenbach (1947) – utiliza em seu trabalho o termo “entidade de referência”, ao invés de “entidade de apoio”. Adotamos aqui esse último termo, para evitar, durante as análises, possíveis confusões entre a “entidade de referência” (se assim a denominássemos) e o “espaço referido através da entidade de referência”.

³ Enunciado dito por uma mãe a um bebê de 18 meses e 17 dias. A mãe estava se referindo a algumas aranhas de plástico situadas dentro de uma caixinha de brinquedo.

- Situação 1: O bebê (24 meses e 03 dias) está no sofá da sala, tentando tirar a sandália do pé. A mãe, calçada, mostra seu próprio pé ao bebê. Seu intuito é convencê-lo a ficar calçado também.

1. (A mãe, em pé, olha para o bebê, estica a perna e olha para o pé, que está calçado.)

// 'prõtʷ// 'ɔʎa'ki// 'ɔʎa'ki//

Pronto. Olha aqui. Olha aqui.

2. (O bebê olha para o pé da mãe.)

Nessa situação, o enunciado “Olha aqui”, acompanhado de um elemento não-verbal (o olhar da mãe), referencia “o pé calçado da mãe”, entidade discursiva (ou objeto-de-discurso) do processo de referenciação. A mãe, através do dêitico “aqui” (e de seu olhar), introduz no discurso uma nova entidade discursiva, indicando a localização dessa entidade no contexto situacional de interação diádica. Para isso, pauta-se em sua própria localização em relação a essa entidade e na localização do bebê (pois caso o objeto-de-discurso fosse “o pé do bebê”, seria possível o uso do dêitico “aí” no lugar de “aqui”).

Portanto, dêiticos desse tipo, de maneira similar aos dêiticos discursivos⁴, funcionam como *monitores cognitivos* nas situações de interação mãe-bebê. Através deles, a mãe mostra para que entidade discursiva o bebê deve voltar a sua atenção, direcionando o olhar do bebê para objetos (como na situação aqui em análise), espaços, eventos etc. recortados pela mãe do contexto situacional de interação diádica, ou seja, do *contexto intradiádico* (entendamos contexto intradiádico como o campo visual da mãe e/ou do bebê). Em outros termos, a mãe introduz no discurso uma entidade *in presentia*, situada ao redor da díade, e a eleva à categoria de objeto-de-discurso.

Em síntese: os dêiticos que funcionam de forma semelhante ao dêitico “aqui” da situação analisada monitoram cognitivamente a atenção do bebê para entidades situadas no contexto intradiádico. Apesar de seu inegável traço espacial, esses dêiticos funcionam na fala materna como dêiticos discursivos. Por isso, constituem o fenômeno da *dêixis espacial discursiva* (DED)⁵.

Esse tipo de dêixis é apenas o mais recorrente no período de aquisição da linguagem, pois, geralmente, a mãe o utiliza em concomitância com seu olhar e com o seu gesto de apontar, elementos extralingüísticos bastante produtivos e significativos em situações de interação mãe-bebê. À primeira vista, poderíamos até supor que a mãe só trouxesse para seu discurso espaços (assim como objetos, eventos etc.) apreensíveis pela visão do bebê, espaços localizáveis no “aqui/agora” diádico, já que se trata de relações interativas entre sujeitos assimétricos, isto é, de situações de interação entre um sujeito já constituído (a mãe) e um outro que ainda está se constituindo (o bebê). Afinal, geralmente são esses tipos de espaços que podem ser

⁴ Entendemos o fenômeno da dêixis discursiva como uma “estratégia de monitoração cognitiva”, nos termos de Marcuschi (1997).

⁵ Em Silva, Lira & Cavalcanti (2001), a DED (ainda não assim denominada) é constituída pelos dêiticos presentes na ZI (*Zona de Interseção* entre os dêiticos espaciais e discursivos). Para um maior entendimento da DED, recomendamos a leitura do artigo aqui citado, em especial a leitura da análise das três primeiras situações descritas em tal artigo.

referidos através do olhar e do gesto de apontar.

Contudo, se observarmos os dados mais atentamente, veremos que há algumas situações em que a mãe “se desprende” do contexto intradiádico quando faz uso da dêixis espacial. Apesar de requererem, do ponto de vista cognitivo, estratégias mais complexas de compreensão, essa forma de referência também é produtiva no período de aquisição da linguagem (embora surja com uma freqüência bem menor do que a DED). Esse fato colabora na comprovação de nossa hipótese lançada anteriormente: de que o uso que a mãe faz da dêixis espacial é, do ponto de vista cognitivo, tão complexo e diversificado quanto o uso entre adultos. A mãe, através de expressões dêiticas, retoma espaços previamente explicitados em sua fala, espaços esses não alcançáveis pela visão da díade no momento da interação. Assim, o referente espacial da expressão dêitica não mais será apreendido em sua relação com um objeto de mundo sensorialmente identificado (*in presentia*), mas sim, através da relação anafórica que essa expressão desenvolve com uma outra expressão atualizada pela mãe anteriormente em seu discurso.

Com isso, percebemos que ao invés de atuarem como monitores cognitivos, os dêiticos desses casos desempenham *função anafórica*. Deixemos a situação que traz esse tipo de funcionamento dêitico para ser apresentada (e analisada) mais adiante (ela equivale à situação 2.3). Por ora, basta dizermos que em tais casos a mãe também codifica informações espaciais se posicionando como ponto zero do sistema dêitico, de modo similar aos casos de DED. Entretanto, não há a introdução de uma entidade discursiva situada no contexto intradiádico; o que há é um dêitico espacial retomando uma expressão lingüística cujo referente está *in absentia*, ou seja, no *contexto extradiádico*.

Resumindo: na aquisição da linguagem, a DED não é o único tipo de dêixis espacial. Também há dêiticos espaciais funcionando anaforicamente e retomando elementos do contexto extradiádico. Eles constituem o fenômeno da *dêixis espacial anafórica* (DEA).

Vamos colocar essas informações em um quadro, na tentativa de estabelecermos um primeiro apanhado do funcionamento da dêixis espacial na aquisição da linguagem. Assim, temos até agora dois tipos de dêixis espacial: a DED e DEA. Elas se diferenciam entre si pelas seguintes características:

Quadro 1: Diferenças entre a DED e a DEA

| <i>DED</i> | <i>DEA</i> |
|--|---|
| <i>Possui função de monitoração cognitiva</i> | <i>Possui função anafórica</i> |
| <i>Refere entidades do contexto intradiádico</i> | <i>Refere entidade do contexto extradiádico</i> |
| <i>Introduz referentes</i> | <i>Retoma referentes</i> |

O segundo par dicotômico do *Quadro 1* relaciona-se com algo que foi apontado por Bühler (1982). Nesse seu trabalho, o autor retoma algumas idéias presentes em *Sprachtheorie*, livro que traz um dos primeiros trabalhos sistemáticos sobre a dêixis, datado de 1934. Bühler (1982) estabelece três campos mostrativos correspondentes a três modos de mostração: a dêixis “ad oculos”, a anáfora e a “dêixis am Phantasma”. Atentemos para os dois primeiros modos de mostração: segundo Bühler (1982), a dêixis “ad oculos” refere entidades do “campo mostrativo situacional” (algo semelhante ao nosso “contexto intradiádico”), enquanto a anáfora faz referência a entidades do “campo mostrativo textual” (o que às vezes coincide com o nosso “contexto extradiádico”). A rigor, para Bühler (1982), a anáfora resulta da transposição do modo de funcionamento da dêixis “ad oculos” para o espaço textual, o qual se configura como uma metáfora do espaço físico real.

Passemos agora a uma outra situação de interação mãe-bebê, a fim de questionarmos o que foi estabelecido no quadro acima. Por exemplo, veremos que, em alguns momentos, os referentes construídos nas situações de interação não fazem parte do “campo mostrativo situacional”, tampouco do “campo mostrativo textual”⁶. Analisaremos essa situação sobretudo pelo seguinte motivo: em menos de um minuto, a mãe utiliza o mesmo elemento dêitico (“lá”) para fazer referência a três espaços distintos. Veremos que a complexidade do funcionamento das expressões dêíticas é bem maior do que mostra as relações dicotômicas estabelecidas entre a DED e a DEA, no *Quadro 1*. A situação é a seguinte:

- *Situação 2: A mãe e o bebê (19 meses) estão no quarto do bebê. A mãe está arrumando o quarto. Do turno 1 ao 13 passaram-se aproximadamente 52 segundos.*

1.// 'vɑgwaɦ 'dɑ 'sɛw trɑvj 'sɛrw 'vɑ// lɑnw'qwaɦtw dʒmã'mãj//
Vá guardar seu travesseiro, vá. Lá no quarto de mamãe.
(A mãe olha para o travesseiro, depois para o bebê e lhe entrega o travesseiro.)

2. *(O bebê pega o travesseiro.)*

3. *(A mãe olha para o bebê.)*

// 'vɑ gwaɦ 'dɑ//
Vá guardar.

4. *(O bebê olha para fora do quarto, balbucia e aponta para fora do quarto, dessa vez olhando para a mãe.)*

⁶ Se quiséssemos seguir a nomenclatura “campo mostrativo” proposta por Bühler (1982), poderíamos configurar ao lado das noções de “campo mostrativo situacional” e “campo mostrativo textual” a noção de “campo mostrativo mnemônico”, já que algumas entidades presentes no discurso materno fazem parte exclusivamente do que nós denominaremos “memória diádica” (maiores esclarecimentos na nota de rodapé 9). Entretanto, como se percebe, optamos em trabalhar com a noção de contexto extradiádico (*in absentia*), opondo-a à noção de contexto intradiádico (*in presentia*).

5. (A mãe olha para o bebê.)

// 'oj// kɛ 'i prɑ 'lɑ//

Oi. Quer ir pra lá?

6. (O bebê olha para a mãe.)

// 'ɛ//

É.

7. (A mãe olha para o bebê.)

//ɑ'zɛtj 'tɛj kjsj 'ahũ'mɑ pɑ 'i pɑ'kɑzɑ djvɔ 'iɑ sɑ'biɑ//

A gente tem que se arrumar pra ir pra casa de voinha, sabia?

8. (O bebê olha para a mãe.)

// 'ʃw//

Xu.

9. (A mãe olha para o bebê.)

// 'ɛ: :// 'vɛj 'lɔgw pɑpɛ'gɑ 'tuɑ 'hɔpɑ//

É... Vem logo pra pegar tua roupa.

10. (O bebê abaixa-se e pega alguns brinquedos.)

11. // 'tufjkɑ 'i brĩ'kãnw brĩ'kãnw// ʃegɑ'la tu'brĩkɑ 'majʃ//

Tu fica aí brincando, brincando. Chegar lá tu brinca mais.

Nessa situação, nos turnos 1, 5 e 11, a mãe referencia espaços através de expressões dêiticas que contêm o advérbio locativo “lá” (as expressões estão sublinhadas). Dividimos a análise dessa situação em três momentos, a fim de mostrarmos pontos de aproximação e distanciamento entre esses três usos do dêitico espacial “lá” e o uso do “aqui”, na situação 1.

- Situação 2.1⁷

No turno 1, ao entregar um objeto (travesseiro) ao bebê, a mãe lhe pede para que o coloque no quarto dela. O bebê pega o travesseiro (turno 2) e, em seguida, a mãe enfatiza o solicitado através do enunciado “Vá guardar!” (turno 3).

Nesse caso, o espaço referido é introduzido no discurso através da expressão dêitica “lá no quarto de mamãe”. Como nossa concepção de espaço gira em torno de um sistema de relações entre entidades situadas nesse espaço, fica claro que o espaço referido pela mãe não é a entidade discursiva “quarto”, mas o espaço compreendido entre as quatro paredes desse quarto, ou seja, o lugar no qual o objeto “travesseiro”

⁷ A partir deste ponto, utilizaremos os conceitos de EA (entidade de apoio), ES (entidade situada) e O (observador) — apresentados no item 1 —, os quais foram deixados de lado na análise da situação 1. Procedemos assim naquela situação porque o objeto-de-discurso do processo de referenciação não era um espaço, mas sim, como vimos, um objeto, situado no espaço intradiádico. Na verdade, na situação 1, o objeto-de-discurso introduzido pelo dêitico “aqui” foi “o pé calçado da mãe”, e não o espaço onde ele (o pé) se encontrava.

deverá ser situado. Essa diferença, apesar de sutil, é importante e deve ser apontada, pois retomá-la-emos em nossas conclusões. A entidade discursiva “quarto” nada mais é do que uma EA na construção do objeto-de-discurso, assim como a mãe e o bebê também o são. Aplicando o modelo relacional triádico de Reichenbach, temos:

Quadro 2: Entidades discursivas que se relacionam e referenciam um espaço na Situação 2.1

| | |
|-----------|--|
| <i>EA</i> | <i>quarto da mãe - mãe - bebê</i> |
| <i>ES</i> | $\emptyset \rightarrow$ <i>(travesseiro)</i> |
| <i>O</i> | <i>mãe</i> |

A mãe faz uso do dêitico “lá” porque o espaço referido se encontra distante da díade, já que faz parte do contexto extradiádico. Provavelmente, se a mãe estivesse dentro de seu quarto no ato da referência, a expressão “*lá* no quarto de mamãe” seria substituída por “*aqui* no quarto de mamãe”. Ou, se apenas o bebê se situasse dentro do quarto (a mãe permanecendo fora), esse novo posicionamento espacial das entidades envolvidas no processo de referenciação autorizaria a mãe dizer, por exemplo, “*aí* no quarto de mamãe”. Por isso, afirmamos que a EA da atividade referencial aqui em questão é composta por três entidades distintas: “a mãe” e “o bebê” (daí a escolha do elemento dêitico “lá” para marcar o posicionamento do espaço referido no contexto extradiádico); e “quarto da mãe” (daí a escolha do sintagma preposicional “no quarto de mamãe” para compor a expressão dêitica “lá no quarto de mamãe”).

Outro fator singular na situação aqui em análise diz respeito a ES no espaço referido (“o travesseiro”). Na verdade, a ES é uma *entidade a ser situada* nesse espaço. Lembremos que, no momento da enunciação, não há nenhuma entidade discursiva (objeto, situação, evento etc.) situada em tal espaço.

- Situação 2.2

A partir do turno 4, ocorre uma mudança de tópico discursivo na atividade dialógica. O responsável pela mudança é o bebê, o qual dá início à elaboração do objeto-de-discurso, que vai sendo construído conjuntamente pela díade, através de uma negociação de sentidos. O bebê inicia o processo de referenciação através de elementos lingüísticos (o balbúcio ininteligível) e elementos extralingüísticos (o olhar e o apontar). São justamente a esses últimos que a mãe atribui sentido⁸. Ela, novamente

⁸ Por estarmos presentes na situação aqui descrita, podemos constatar que o balbúcio do bebê fora ininteligível, não só para nós, mas também para a mãe. É por isso que afirmamos que a mãe atribui sentido ao turno 4 devido, exclusivamente, aos elementos não-verbais empregados pelo infante (o olhar e o gesto de apontar).



através do dêitico “lá”, retoma o “suposto” espaço referido pelo apontar e pelo olhar do bebê. E, conforme o turno 6, o bebê parece confirmar a interpretação dada pela mãe para o apontar e o olhar dele, já que responde afirmativamente a pergunta feita por ela no turno 5. Do ponto de vista formal, temos a mesma ocorrência dêitica da situação 1; contudo, em termos funcionais e cognitivos, aqui o dêitico “lá” efetua uma remissão a um outro espaço, fruto da relação entre outras entidades discursivas.

Comparando esta situação com a anterior, verificaremos que, em 2.1, o espaço referido, estando *in absentia*, pertence ao *contexto extradiádico*. Daí a necessidade da especificação do dêitico através do sintagma preposicional “no quarto de mamãe”. Já aqui, em 2.2, o espaço referido está *in presentia*, isto é, faz parte do *contexto intradiádico*. Por isso, não há nenhum sintagma que especifique o dêitico “lá”, já que olhar e o apontar do bebê já fazem esse papel. Então, temos:

Quadro 3: Entidades discursivas que se relacionam e referenciam um espaço na Situação 2.2

| | |
|-----------|---|
| <i>EA</i> | <i>apontar e olhar do bebê - mãe - bebê</i> |
| <i>ES</i> | $\emptyset \rightarrow$ (<i>bebê</i>) |
| <i>O</i> | <i>mãe</i> |

Como em 2.1, a mãe e o bebê continuam fazendo parte da EA. A diferença se faz pelo fato de o espaço referido estar apoiado em elementos extralingüísticos (o apontar e o olhar do bebê), ao invés de elementos lingüísticos, como na situação 2.1 (“quarto de mamãe”). Já a ES (o bebê), mais uma vez, equivale a uma entidade que deve ser locomovida até o espaço referido, ou seja, trata-se de uma entidade que ainda não foi situada, mas sim, que *está para ser situada* no espaço referido.

Outro ponto que merece destaque é o fato de o dêitico “lá” em questão ser utilizado num processo de *retomada anafórica* da entidade espacial introduzida pelo bebê, no momento que ele (o bebê) aponta e olha para uma determinada direção. Essa seria uma outra diferença entre as situações 2.1 e 2.2. A rigor, o que ocorre aqui através do uso do dêitico espacial não é a *introdução* de um referente espacial no discurso (como na situação 2.1), mas sim, a *retomada* de um elemento extralingüístico. Essa retomada colabora na progressão referencial, sustentando o tópico da atividade dialógica.

- Situação 2.3

Essa situação se estende do turno 7 ao 11. No turno 7, a mãe referencia um novo espaço através do enunciado “A gente tem que se arrumar pra ir pra casa de

voinha, sabia?". Frisemos aqui que o espaço referido não é o objeto "casa de voinha", mas sim, o espaço no qual esse objeto se situa. Esse espaço referido progride no discurso através do dêitico "lá", que o retoma anaforicamente (turno 11). Portanto, trata-se de um caso de DEA. Semelhante à situação 2.1, a entidade espacial situa-se no *contexto extradiádico*. Contudo, a mãe não explicita o dêitico "lá", como o faz na situação 2.1, pois é possível atribuir sentido ao dêitico, buscando o sentido no sintagma nominal preposicionado "pra casa de voinha", veiculado em um enunciado materno anterior (turno 7).

Por outro lado, essa situação aproxima-se da situação 2.2. no que diz respeito à *retomada anafórica*. Em 2.2, o dêitico "lá" retomava anaforicamente um espaço já designado por elementos extralingüísticos (o olhar e o apontar do bebê); aqui, o mesmo dêitico atua também como anáfora, mas, desta vez, de elementos lingüísticos. A entidade "casa de voinha" serve como EA no processo de referenciação do espaço. Observemos ainda que há duas entidades a serem situadas no espaço referido: a mãe e o bebê. Assim, temos:

Quadro 4: Entidades discursivas que se relacionam e referenciam um espaço na Situação 2.3

| | |
|-----------|-------------------------------------|
| <i>EA</i> | <i>casa de voinha - mãe - bebê</i> |
| <i>ES</i> | $\emptyset \rightarrow (mãe, bebê)$ |
| <i>O</i> | <i>mãe</i> |

3. QUESTIONANDO A DICOTOMIA *DED* x *DEA*

A análise da situação 2 levanta alguns aspectos sobre o funcionamento da dêixis espacial na aquisição da linguagem os quais extrapolam as relações estabelecidas entre a *DED* e a *DEA*, no *Quadro 1*.

Por exemplo, tomemos as situações 2.1 e 2.2. Como vimos, em 2.1, a expressão dêitica "lá no quarto de mamãe" *introduz um referente* novo no discurso. Já em 2.2, o dêitico "lá" *retoma um referente*, o qual foi introduzido discursivamente no turno anterior, pelo bebê, através do olhar e do gesto de apontar. Se focássemos esse aspecto, poderíamos incluir a expressão dêitica de 2.1 no rol da *DED*. De maneira análoga, relacionaríamos o dêitico de 2.2 à *DEA*, apresentada em 2.3.

De fato, essa última relação é pertinente. Em ambas as situações, há dêiticos funcionando anaforicamente. A única diferença é que em 2.3, há a retomada de elementos lingüísticos, enquanto que em 2.2, de elementos extralingüísticos. Mas ambos os procedimentos dêiticos constituem o fenômeno da *DEA*.

Por outro lado, a primeira relação estabelecida (entre a expressão dêitica da

situação 2.1 e a DED) não se sustenta. No primeiro caso, o enunciado “*Olha aqui!*”, conforme vimos, monitora cognitivamente o bebê na tentativa de estabelecer uma atenção conjunta entre a díade. Já a expressão dêitica “lá no quarto de mamãe” efetua uma remissão a um espaço do contexto extradiádico. Ao contrário da DED, não funciona apontando para nenhuma entidade *in presentia*, mas sim referenciando um espaço, cujo conhecimento a mãe partilha (ou crê que partilha) com o bebê, ou seja, um espaço existente fora do campo visual da díade, porém possível de referência, já que faz parte da “memória diádica”⁹. Dessa forma, a expressão dêitica “lá no quarto de mamãe” presente em 2.1, apesar de introduzir um referente novo no discurso, não pode ser enquadrada no rol da DED. Da mesma forma que não é porque ela remete a um espaço do contexto extradiádico que podemos caracterizá-la como uma DEA. Essa expressão dêitica ilustra a existência de outros tipos de dêixis espacial que põem em xeque a dicotomia estabelecida no *Quadro 1*, ou seja, não se confirmam como DED, tampouco como DEA.

A última relação que mencionaremos aqui diz respeito às entidades de apoio (EA) que, de uma certa forma, “carregam” o sentido do dêitico espacial nos processos de referenciação de espaços intra e extradiádicos. Nas situações apresentadas aqui, podemos observar que a presença de um elemento não-verbal (um olhar ou um gesto de apontar) está relacionada àquelas situações em que os referentes estão situados no contexto intradiádico¹⁰. Em tais contextos, esses elementos contribuem para o sucesso da interação, orientando o bebê na localização dos objetos-de-discurso. Em outros termos, a mãe utiliza a dêixis espacial ancorando-a em elementos extralingüísticos. Na verdade, esses elementos atuam como especificadores do dêitico espacial, na medida em que tentam precisar a localização do objeto-de-discurso referido, seja ele um objeto *in presentia* (como o “pé calçado da mãe”, na situação 1) ou uma “porção” de espaço recortado do contexto intradiádico (como o referente do dêitico “lá” na situação 2.2).

Em contrapartida, quando os objetos-de-discurso fazem parte do contexto extradiádico, geralmente os elementos não-verbais não são utilizados pela mãe. Já que as relações espaciais atualizadas pelos dêiticos espaciais não fazem parte do “campo da visão diádica” — mas sim do “campo da memória diádica” — torna-se praticamente impossível o material extralingüístico funcionar como especificador do dêitico espacial. Esse, por sua vez, atrela-se a algum sintagma nominal definido, seja retomando-o anaforicamente (como em 2.3, em que “lá” retoma “casa de voinha”), seja constituindo uma expressão dêitica com o auxílio da preposição “em” (como em 2.1, em que há a expressão dêitica “lá no quarto de mamãe”).

⁹ A expressão “memória diádica” deve ser entendida num sentido similar a que Fonseca (1992) atribui à “memória comum”. Segundo a autora, “é na própria actividade comunicativa que se vai constituindo uma rede de laços explícitos e implícitos que se consubstanciam numa memória comum que nunca é estática, acabada” (Fonseca, 1992: 27). A memória diádica, portanto, é fruto das relações interativas entre a mãe e o seu bebê, através das quais os sentidos circulam e se instituem como memória. Daí a mãe poder referenciar também entidades *in absentia*.

¹⁰ A vinculação entre elementos não-verbais e contextos intradiádicos recorre não só nos exemplos apresentados neste artigo como também em outros exemplos de nosso *corpus*.

4. CONCLUSÕES

Analisamos neste trabalho situações de interação mãe-bebê nas quais se fazia presente o fenômeno da dêixis espacial. Uma de nossas preocupações foi em comprovar que o fato de a mãe ter como parceiro dialógico um sujeito que ainda está se constituindo (um bebê) não a impede de fazer uso, na construção de entidades discursivas, de estratégias, *a priori*, características da “linguagem adulta”. Também levantamos alguns pontos sobre o funcionamento da dêixis espacial na aquisição da linguagem que extrapolam as relações estabelecidas entre a DED e a DEA na *Quadro 1*. Podemos sistematizar os resultados de nossas análises em dois pontos principais:

1) Na aquisição da linguagem, o funcionamento da dêixis espacial é bastante diversificado. Contudo, dentre os demais casos, dois tipos de dêixis espacial podem ser apontados: a *dêixis espacial discursiva (DED)* e a *dêixis espacial anafórica (DEA)*. Esta retoma elementos não só lingüísticos, mas também extralingüísticos, contribuindo para a progressão referencial da atividade dialógica; aquela monitora cognitivamente o infante, localizando espacialmente objetos-de-discurso situados no contexto intradiádico. Em termos quantitativos, há a predominância da DED em relação à DEA. Isso se justifica pelo fato de que os elementos não-verbais, tão abundantes no período da aquisição, podem ser utilizados basicamente em *todos* os casos de DED, diferentemente dos casos de DEA. Esse fato nos leva à nossa segunda conclusão.

2) Na aquisição da linguagem, os referentes construídos em situações de interação mãe-bebê situam-se não só no contexto intradiádico, mas também em diversos contextos extradiádicos, os quais fazem parte dos conhecimentos que a mãe partilha (ou crê que partilha) com o bebê. Quando a mãe referencia um espaço, escolhe a entidade de apoio (EA) de acordo com a relação que o espaço referido estabelece com a diáde, ou seja, se se trata de um *espaço visual (do campo de visão diádica)*, ou de um *espaço virtual (do campo de memória diádica)*. Em outras palavras, *a natureza da EA está relacionada à localização do espaço referido no contexto intra ou extradiádico*. No primeiro caso, há a preferência por elementos extralingüísticos na constituição da EA; já no segundo, a preferência é por elementos lingüísticos.

Isso posto, concluímos que o funcionamento da dêixis espacial na aquisição da linguagem reflete quão complexa é a fala materna, do ponto de vista semântico, pragmático e cognitivo. As análises aqui desenvolvidas, além de ratificarem nossa perspectiva teórica de que “o sujeito se constitui na/pela língua” (Cavalcante, 2001), se opõem à visão de fala materna como uma fala facilitativa, como um *input* (termo utilizado pela literatura em aquisição da linguagem)¹¹. Isso se dá porque, em situações de interação mãe-bebê, o que na verdade se presencia é a *inserção e sustentação do bebê no sistema lingüístico*, e não a aquisição da língua pelo bebê, como algo que ele, diferentemente do adulto, ainda não possui.

¹¹ Para uma discussão sobre a fala materna como *input*, recomendamos Cavalcante (1999). No primeiro capítulo, a autora apresenta vários teóricos que atribuem uma função facilitativa à fala materna dirigida ao bebê.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOTHÉLOZ, D. e M-J. REICHLER-BÉGUÉLIN. Construction de la référnce et strategies de designation. In: BERRENDONNER, A. e M-J. REICHLER-BÉGUÉLIN (eds.), 1995: 227-271.

BLÜHDORN, Hardarick. *A codificação de informação espacial no alemão e no português do Brasil: adposições e advérbios como meios para especificar relações estáticas*. São Paulo, 1999. Tese de Livre-docência - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1999.

BÜHLER, Karl. The deictic field of language and deictic words. In: JARVELLA, Robert J., KLEIN, Wolfgang. (Orgs.). *Speech, place, and action: studies in deixis and related topics*. New York: John Wiley & Sons, 1982. P. 9-30.

CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. *Da voz à língua: a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê*. São Paulo, 1999. Tese de doutoramento - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1999.

_____. Melodias maternas: um movimento interpretativo na dialogia mãe-bebê. In: CAMAROTTI, Maria do Carmo (Org.). *Atendimento ao bebê: uma abordagem interdisciplinar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. P. 79-95.

FONSECA, Fernanda Irene. *Dêixis, tempo e narração*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1992.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *A dêixis discursiva como estratégia de monitoração cognitiva*. In: BARROS, Kasuê S. M. de, KOCH, Ingedore G. V. (Orgs.). *Tópicos em lingüística de texto e análise da conversação*. Natal: EDUFRN, 1997. P. 156-171.

_____. *Aspectos da progressão referencial na fala e na escrita no português brasileiro*. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA PORTUGUESA, 1, 1998, Berlim. Anais do I Colóquio Internacional de Língua Portuguesa. Berlim, 1998.

MONDADA, Lorenza e D. DUBOIS. Construction des objets de discours et categorisation: une approche des processus de référénciation. In: BERRENDONNER, A. e M-J. REICHLER-BÉGUÉLIN (eds.), 1995: 273-302.

REICHENBACH, Hans. *Elements of Symbolic Logic*. New York: Macmillan, 1947.

SILVA, Francisco Eduardo Vieira da, LIRA, Patrícia Silva. de, CAVALCANTI, Soraia B. Aspectos do processo de referenciação na aquisição da linguagem: do lingüístico ao extralingüístico. *Revista Ao Pé da Letra*, Recife: , v. 3, n. 2, 47-58, 2001.

SILVA, Francisco Eduardo Vieira da. *Relatório parcial de atividades do bolsista UFPE/ CNPq/PIBIC (80010): de agosto/2001 a fevereiro/2002*. 2002. (mimeo).